

Empresários culpam clientes

Dono de bar na 108 Sul diz que não tem como controlar os frequentadores, mas considera válidas as reclamações dos moradores

» RODOLFO BORGES

Mesmo os moradores de blocos afastados do Miau que Mia, como o F, estão sujeitos a transtornos associados ao bar. "As pessoas deixam o estabelecimento embriagadas, falando alto. Já pegamos gente fazendo sexo dentro de carros, debaixo de blocos", afirma a síndica Elizete Furlanetto. Moradora da SQS 208, a funcionária pública Mequita Andrade, 60 anos, perdeu a conta de quantas vezes visitou o bar próximo a sua casa para pedir moderação. "O pessoal bebe e berra. Quando recebo hóspedes, forneço tapa-ouvidos", comenta a moradora do bloco B, que não suporta o barulho do exaustor do bar.

Os donos dos estabelecimentos se defendem e, apesar do grande número de reclamações dos moradores, sentem-se no lado mais frágil dessa disputa. "Entendo o incômodo, mas a culpa dos transtornos não é nossa", diz Rafael Damas, um dos três sócios responsáveis pelo **Miau que Mia** "que ajuda a sustentar 63 famílias".

Segundo o empresário, o bar funciona de acordo com o estipulado no alvará concedido pela Administração Regional de Brasília, mas os comerciantes não têm como controlar o volume das conversas entre os clientes. "Temos isolamento acústico para o som mecânico e chegamos a contratar mais dois seguranças para instruir os clientes, mas não temos como impedir que eles deixem o bar falando alto", lamenta.

Damas confirma que o bar já foi multado uma vez por exceder o tempo limite de funcionamento (até 2h de quinta-feira a sábado), mas por apenas 20 minutos. "Já tínhamos inclusive encerrado o expediente, mas precisamos fechar as contas dos clientes e não podemos mandá-los embora de uma hora para outra", completa Ricardo Emediato, que também administra o bar. Para os empresários, os moradores têm muito mais força para pressionar os governantes, porque estão ali há mais tempo e são mais numerosos.

Alvará

O gerente da Agência de Fiscalização do DF (Agefis) Claudio Caixeta diz que é comum atender a pedidos de moradores para fiscalizar bares que extrapolam o horário. Mas, na maioria das vezes, quando os fiscais che-

Adauto Cruz/CB/D.A Press



Ricardo e Rafael, donos do Miau que Mia, na 108 Sul: bar recebeu multa por ultrapassar em 20 minutos o horário de funcionamento

Sucesso

Nos últimos 10 anos, o bar Miau que Mia é o único empreendimento que conseguiu obter sucesso na ponta da SQS 108. O bar e restaurante Cateto, que o antecedeu, era menor, e apesar de apresentar música ao vivo, não incomodava tanto aos moradores. O Miau que Mia conta com um espaço de bar e uma instalação reservada para aluguel no primeiro andar. Juntos, comportam 200 pessoas por vez.

Empréstimo

O custo para abrir um bar, restaurante ou boate no Plano Piloto gira em torno de R\$ 500 mil a R\$ 1 milhão, segundo os empresários. Geralmente o pleiteante ao negócio precisa pedir um empréstimo, que dependerá do sucesso do empreendimento para ser pago. Para fechar seu negócio, Resende, por exemplo, calcula que deve desembolsar R\$ 200 mil com os encargos trabalhistas dos funcionários.

gam ao bar, topam com os procedimentos de encerramento das contas. "Pegamos pouquíssimos casos de horário excedido", diz Caixeta, que não sabe precisar o número. E não é por falta de fiscalização, garante o secretário da Ordem Pública, Roberto Giffoni.

De acordo com o secretário, a fiscalização é permanente, principalmente de sexta a domingo, e os fiscais estão disponíveis para atender às reclamações dos moradores. "Já aplicamos multas e cassamos alvarás", diz Giffoni. Um dos documentos cassados permitia à Boate Arun, da 106 Sul, funcionar até agosto. Desde então, o estabelecimento abre graças a uma liminar, mas perdeu 80% de seu faturamento depois que teve o horário limitado das 4h para as 2h. "Estou pensando em deixar o ramo e estudar para concursos, como toda a sociedade brasiliense", provoca o empresário Alexandre Resende, também dono do bar Marujo.

Resende já chegou a administrar oito estabelecimentos em Brasília, mas foi deixando

um a um à medida que surgiam dificuldades legais e sociais. "O empresário devia ser avisado na consulta prévia que naquele local seu estabelecimento não será aceito. Mas permitem que comecemos a montar, pegar empréstimo, fazer investimento e depois quase não nos deixam abrir", reclama Resende, que aguarda apenas um comprador para fechar a boate.

Segundo ele, as leis da cidade mudam a toda hora e os empresários enfrentam dificuldades para se adequar. "As vezes nem é toda a quadra que está incomodada, mas apenas seis moradores organizados de um único prédio", critica o empresário. "Não dá para ter negócio em Brasília", desabafa Resende, que já deixou de acreditar na execução do Projeto Orla.

www.correiobraziliense.com.br



Os bares pertos de sua quadra o incomodam? Mande seu relato para o email cidades.df@diarioassociados.com.br

O que diz a lei

A Lei nº 766, de 2008, que começa a valer a partir de abril do próximo ano, estabelece em 6m o limite para ocupação dos fundos das lojas, e 5m para a ocupação lateral. De acordo com a norma, a concessão de uso será autorizada na parte posterior dos blocos do Comércio Local Sul, na área adjacente aos lotes conhecidos como Restaurantes de Unidade de Vizinhança e nas áreas públicas adjacentes às lojas situadas nas extremidades laterais de blocos.

O projeto de arquitetura dos blocos do comércio da Asa Sul deve destacar e valorizar a estrutura original: com pintura branca e altura uniforme em cada bloco. É permitido manter acessos, vitrines e elementos decorativos na fachada posterior, desde que limitados à área permitida para ocupação.

No caso de desinteresse ou recusa de um ou mais proprietários, caso a assembleia do bloco decida pela utilização da concessão prevista em lei, as áreas adjacentes às lojas que não utilizarem o novo padrão deverão ser mantidas vazias e desocupadas, mas delimitadas com um elemento vazado. Os concessionários são responsáveis pela execução, construção, manutenção e conservação das calçadas e passeios públicos e pela manutenção de 2m livres para a circulação de pedestres.

INVESTIMENTO
R\$ 1 milhão

Custo máximo estimado pelos empresários para a abertura de um bar no Plano Piloto

SMS

Responda à enquete, via SMS, na tela do seu telefone celular: "Você se sente incomodado com bares que ficam próximos a áreas residenciais?"

Para responder "sim", envie SIM para 50006

Para responder "não", envie NAO para 50006

O custo é de R\$ 0,31 mais impostos por mensagem enviada



Estou pensando em deixar o ramo e estudar para concursos, como toda a sociedade brasiliense"

Alexandre Resende, empresário com bares na entrequadra 105/106 Sul